

Introdução

Conversões de todos os tipos são comuns no mundo hoje. Um alcoólico deixa a bebida e volta-se para a sobriedade. Os ocidentais aflitos, entediados, renunciam ao estilo de vida e buscam significado em gurus orientais. Uma pessoa adere a uma seita e fecha a porta sobre como viva antes; outra olha para o poder latente dentro de si mesma e se afasta da religião institucionalizada.

Embora essas “conversões” possam ser precipitadas por crises de grande impacto e resultem em mudanças de comportamento, não são conversões em sentido cristão. Se elas não têm Cristo como causa e objeto, e serviço a ele como resultado, não são cristãs. Se não envolvem o abandono do pecado e a voltar para Deus, com base no sangue expiador de Cristo, por meio da obra do Espírito Santo, elas não podem ser chamadas cristãs.

ANTES E AGORA

Em 1988, quando nos encontramos em Hong Kong para explorar este tema, os mundos político e religioso eram, em alguns aspectos, diferentes de hoje. Vale a pena

olhar para trás e pensar sobre o que mudou e o que não mudou nas duas décadas que se seguiram.

Quando estávamos reunidos para refletir sobre o grande tema da conversão cristã, o muro de Berlim ainda estava de pé, o marxismo dominava grande parte do mundo, e em países comunistas, o cristianismo era reprimido com severidade. Quem teria previsto que no ano seguinte, 1989, o muro de Berlim seria demolido e que, pouco depois, a União Soviética implodiria? Nós, certamente, não. Nossos pensamentos estavam na perseguição dos pastores cristãos pelos governos ateístas na oposição implacável à fé cristã. Mas, em um momento, a maioria desses governos foi soprada, como folhas secas o são pelo vento. Se este livro fosse escrito hoje, portanto, o marxismo não teria um destaque tão grande, apesar de o materialismo ateísta ainda desempenhar um papel formalmente sancionado na China.

O desaparecimento da União Soviética não é a única grande mudança que aconteceu nesse período. Muitas outras ocorreram. Por exemplo, o rosto militante do islã era mais obscuro no final de 1980. Se este livro estivesse sendo escrito hoje, gostaríamos de dar ainda mais atenção a ele do que demos então. E não só porque o terrorismo islâmico muitas vezes é notícia, mas porque nas grandes cidades, na Europa e nos EUA, a presença muçulmana é agora muito maior que duas décadas atrás.

Nesse mesmo período, o mundo cristão também sofreu alterações internas significativas. Hoje, o centro de gravidade numérico da fé cristã é no hemisfério Sul, e não no Norte. Isso com certeza já ocorria em 1988, mas agora está estabelecido. De fato, a Europa, em grande parte se

desfez da herança cristã, e muitas vezes restam apenas catedrais e igrejas vazias da presença outrora vibrante. Com resultado da mudança demográfica, o “rosto” da cristandade em todo o mundo hoje é mais jovem, mais moreno e com menos educação formal que em 1988. Embora esta fé ressurgente fora do Ocidente possa ter menos informações, muitas vezes é mais corajosa que a fé ocidental. Talvez, se este livro estivesse sendo escrito agora, gostaríamos de perguntar por que isso acontece e tentar explicar o que nos enfraqueceu tanto no Ocidente a ponto de o nosso encontro com o mundo modernizado ter eviscerado a crença doutrinária.

A mudança numérica e geográfica na fé cristã é apenas parte das alterações no quadro religioso. Outro aspecto que passa despercebido diz respeito às ondas maciças de imigração, legais e ilegais, que vêm acontecendo. No quadro geral, o padrão repetido é o Oriente para o Ocidente e do Sul para o Norte. Existem, no entanto, exceções importantes. Muitas pessoas do Oriente Médio, por exemplo, estão se movendo para a Europa Ocidental, e a maioria delas é religiosa. Sua presença é fortemente sentida em muitos países europeus, mas não é uma presença cristã. Nos Estados Unidos, muitos imigrantes que vieram do Oriente são cristãos ou hindus, e alguns são budistas; muitos que vieram da América do Sul são católicos. Como resultado da imigração e da prática da liberdade, os Estados Unidos, hoje, estão entre os países mais pluralistas do mundo em sentido religioso. Isso trouxe à nossa porta muitas religiões antes distantes, e estudadas mais como curiosidade que qualquer outra coisa. Hoje, precisamos estudá-las como necessidade; a esse respeito este livro,